

## RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

- 1) BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1977. 118 p.

Richard Bamberger é eminente autoridade internacional em literatura infanto-juvenil. Diretor do Instituto Internacional de Literatura Infantil e Pesquisa sobre Leitura, de Viena, é autor de inúmeras obras sobre a capacidade de ler.

A obra em apreciação, escrita por solicitação especial da UNESCO, em 1972 — Ano Internacional do Livro — apresenta uma síntese de diversas pesquisas internacionais efetuadas nesse campo, recorrendo a fontes variadas e de grande valor.

De acordo com Bamberger, a leitura, mais do que um dever, é um direito do indivíduo, garante-lhe uma educação permanente. O desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura é um processo que inicia em idade pré-escolar, ainda no lar, através de narração de histórias, da leitura em voz alta ou do manuseio do livro de gravuras; é sistematizado na escola e, quando o jovem encontra nos pais, professores e bibliotecários verdadeiros entusiastas da leitura, continua pela vida afora.

A leitura torna-se, então, um motivo de prazer e muito contribui para o desenvolvimento intelectual. Daí a referência que faz o autor a estudos psicológicos reveladores de que "o aprimoramento da capacidade de ler, redundando no aprimoramento da capacidade genérica de aprender" (p. 12).

É nessa mesma perspectiva que Bamberger analisa a influência negativa que podem adquirir os meios de comunicação de massas e as histórias em quadrinhos quando tomam conta da criança antes de que lhe seja despertado o interesse pelo enriquecimento da linguagem. Tanto a televisão como as histórias em quadrinhos comunicam estímulos visuais que, por um lado, asseguram maior rapidez de compreensão mas, por outro, restringem o poder imaginativo da criança. Quando lê, a criança desenvolve um processo ativo, transformando o símbolo gráfico em conceito intelectual, isto é, buscando, com eficácia, o desenvolvimento sistemático da linguagem e da sua personalidade, daí a sua superioridade e importância.

Ao fazer um apanhado da situação da leitura em todo o mundo, Bamberger fornece diversas informações que nos são úteis para melhorar a situação brasileira em relação à leitura. O autor observa, após demonstração minuciosa, que o número de crianças que lêem é freqüentemente duas vezes maior que o dos adultos que lêem; que entre oito e treze anos a leitura é

tomada como uma atividade de lazer mas que, logo que cessam as oportunidades de ler na escola, há um decréscimo significativo de leitores.

Nessa perspectiva, destaca-se um alerta de importância fundamental: se bem estimulada, toda a criança tem condições de transformar-se em bom leitor, independentemente das suas limitações sociais ou econômicas. Entretanto, ao abandonar o seu período de escolaridade, deixa de ler. Em vista disso há a tendência de, erroneamente, tomar o período escolar como o único período em que a leitura é fundamental.

Entretanto, se considerarmos que

"Um exame das variações dos hábitos de leitura entre uma nação e outra demonstra que o lugar ocupado pelos livros na escala de valores dos responsáveis pela sua promoção é de primeira importância: todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, todos os pais e pedagogos terão de estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual. Em seguida, a mesma convicção deve ser transmitida aos alunos de leitura de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento" (p. 11).

deveremos reconhecer a importância da leitura como estimuladora da integração individual no contexto social. Assim, identificamos o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura como um processo constante. A conscientização de que a leitura é um processo em permanente desenvolvimento cabe, portanto, ao lar, à escola, às bibliotecas e ao próprio indivíduo.

Por isso, conforme evidenciam as pesquisas referidas por Richard Bamberger, os pais devem também ser leitores e estimular nos filhos o interesse pela leitura, proporcionando-lhes, por exemplo, um período de leitura familiar diária. As escolas, cabe uma rica atribuição: promover o livro em qualquer circunstância, seja ele de ficção ou não, e entusiasmar o jovem leitor, levando-o a refletir e a falar sobre as leituras feitas. As bibliotecas, cabe o permanente chamamento do indivíduo para o livro, quer promovendo exposições, quer divulgando novas aquisições, quer orientando na escolha da leitura mais adequada.

Se compararmos os ideais traçados por Bamberger à situação brasileira, veremos um triste panorama de nossa promoção à leitura mas também uma vasta lista de atribuições já testadas com sucesso. Em nosso caso, cabe à escola, sistematizadora do hábito de ler, a tarefa mais importante. Logo, no momento em que, através de leituras adequadas, seguidas de uma livre exploração de texto (que, antes de atribuir uma nota ao aluno, pretenda estimulá-lo a ler e pensar mais), estaremos promovendo situações propícias à leitura, levando o leitor a reconhecer no livro mais do que uma simples tarefa escolar, mas uma oportunidade de conhecimento do homem, de sua história, de seus feitos. A leitura tornar-se-á um processo civilizatório e tenderá, assim, a fazer parte da educação permanente do nosso aluno.

Desse modo, certamente a obra de Bamberger atingirá, entre nós, seu objetivo máximo: servir de guia e incentivo a todas as pessoas que se preocupam em transformar a leitura num direito que possa ser usufruído pela maior parte dos indivíduos.

Ana Mariza Ribeiro Fillipouski

2) SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1977.

Nelson Werneck Sodré, em sua obra *História da Imprensa no Brasil*, se propõe a realizar um estudo da imprensa brasileira numa relação direta com o desenvolvimento da sociedade capitalista. É ele quem afirma: "... a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista<sup>1</sup>.

A partir deste pressuposto, passa o Autor a uma análise profunda do desenvolvimento de nossa imprensa, onde esta será vista sempre numa relação com o momento histórico-político-social do País.

Outras espécies de relação são também analisadas como, por exemplo, a relação imprensa-censura, onde são apontadas e estudadas as várias formas de controle da imprensa utilizadas no Brasil.

Seguindo a mesma linha, é abordado o aspecto que diz respeito à influência da imprensa sobre o comportamento das massas, sendo este um dos tantos objetivos a que o Autor se propõe alcançar. A página 1 lê-se o que se segue: A ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. O traço consiste na tendência à unidade e à uniformidade<sup>2</sup>.

*História da Imprensa no Brasil* apresenta-se estruturado em seis capítulos que seguem uma ordem cronológica mais ou menos rígida. Esta ordem, vez por outra, é quebrada por um subtítulo que foge à organização geral do capítulo em que está inserido.

O primeiro capítulo trata especificamente da *Imprensa Colonial* e, entre tantas outras considerações, apresenta e analisa as dificuldades por que passaram o livro e o jornal até que pudessem ser impressos no País.

A seguir, é estudada a *Imprensa da Independência*, onde são analisadas as condições políticas do momento, os problemas no que diz respeito à liberdade de imprensa e à perseguição que esta sofreu por parte das autoridades.

Sempre estabelecendo uma relação da imprensa como o momento político, segue-se o terceiro capítulo que tem por título *O Pasquim*. Aqui estuda-se, essencialmente, o surgimento e agonia das idéias liberais através da história do pasquim.

A *Imprensa do Império* constitui-se o objeto de estudo do quarto capítulo. Neste momento a imprensa entrava numa fase de transição, qual seja, a da passagem da imprensa como fruto de iniciativa individual para uma imprensa como grupo empresarial organizado.

O capítulo seguinte, *A Grande Imprensa*, é o mais longo. A imprensa como empresa e os vários tipos de imprensa (proletária, política, burguesa) são os elementos em foco neste capítulo.

O último capítulo, *A Crise da Imprensa*, analisa basicamente a imprensa brasileira a partir da segunda metade do século XX e, também, as diversas formas de controle por que esta tem passado nestes últimos anos.

Devido à extensão do livro, procurou-se dar uma maior importância àque-

les aspectos que estavam ligados mais diretamente à imprensa rio-grandense, já que esta se constituiu num dos temas em estudo do Centro de Estudos Literários do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras desta Universidade.

Além de notas de caráter puramente informativo, este livro apresenta um estudo detalhado de vários momentos da imprensa brasileira, na medida em que esta é vista como um reflexo de seu tempo, sempre dentro de um sistema de relações que caracteriza toda a abordagem metodológica de Nelson Werneck Sodré.

Dentro desta linha, podemos encontrar notas como a que aparece à página 121, que nos mostra como surgiu o primeiro jornal no Rio Grande do Sul. Foi com dois desertores das forças de Alvear, os franceses Dubreull e Estivalet, ajudados por Lourenço de Castro Júnior, que se imprimiu o primeiro jornal da província, o *Diário de Porto Alegre*, que começou a circular a 1.º de junho de 1827.

Ao analisar a imprensa do Império, Sodré nos mostra que este é o momento em que os homens de letras mais participavam do jornalismo, fato este que se comprova em todo País, onde começam a proliferar os periódicos literários.

No Rio Grande do Sul, é a época em que surgem *O Guefba* (1856-1858), revista literária que contava com a colaboração, entre outros, de João Vespúcio de Abreu e Silva e Félix da Cunha. Neste mesmo período surge a *Arcádia* (1867-1870), de propriedade de Antônio Joaquim Dias e que contava com a colaboração dos mais importantes e conhecidos literatos do Estado.

É deste mesmo momento histórico a mais importante revista literária rio-grandense que foi a *Revista Mensal - Órgão do Parthenon Literário*, de Porto Alegre, que circulou entre os anos de 1869 a 1879 com vasta produção literária e que veio a fixar muitos dos caminhos a serem seguidos pela literatura do Rio Grande do Sul.

Ao lado dos periódicos literários, normalmente quinzenais ou mensais, aparecem os jornais noticiosos e políticos que, invariavelmente, estavam ligados a um partido político ou a um grupo econômico. de 1869 a 1872 surgiram no País mais de vinte jornais republicanos, sem falar em folhas ligadas à opinião liberal. No Rio Grande do Sul vão surgir *A Reforma* (órgão do Partido Liberal), *A Democracia*, *O Tempo*, entre tantos outros ligados a homens importantes no cenário político do Estado.

Neste período, as idéias republicanas conquistavam a imprensa não só da Corte mas, também, do Rio Grande do Sul, onde acontecia a mesma proliferação de jornais de oposição, de combate, lutando pelas reformas de que o País necessitava, entre elas a luta abolicionista e a luta republicana. O número de jornais surgidos em todo Estado, entre os anos de 1880 a 1900, é incalculável.

Ocorre nesta mesma época o reaparecimento do pasquim, fruto da exaltação do ambiente político nacional. A este respeito Sodré nos apresenta uma entrevista fornecida pelo jornalista Carl von Koseritz, quando de uma visita à Corte em 1883. Koseritz, conservador convicto, viu a imprensa do seguinte modo: No Rio não existe hoje um só jornal que possa, com funda-

mento, exercer influência política. Toda a imprensa daqui é somente de especulação; nenhum jornal tem um programa definido, nenhum pertence a qualquer partido, nenhum representa qualquer idéia: o pessoal quer somente ganhar público e vender muitos exemplares, e como o público não pode absolutamente ser sério, mas sempre precisa estar rindo e caçoando, assim é servido<sup>4</sup>.

Agradando-se de D. Pedro II, Koseritz não compreendia a combatividade reformista que passara a caracterizar a imprensa da Corte, aproximando-a do gosto popular.

A página 277 pode-se encontrar notas importantes a respeito do surgimento dos almanaques no Rio Grande do Sul. Desde o primeiro, surgido em 1808, o *Almanaque da Vila de Porto Alegre*, até o mais importante que foi o *Anuário da Província do Rio Grande do Sul* que, entre outras coisas, publicava contos, poesias, biografias, informações religiosas, agrícolas, etc.

O que se percebe, também, com a passagem do século, é a grande transformação por que passa a imprensa. Ao lado dos jornais ligados a partidos políticos que, longe de se constituírem num bom negócio, viviam da subvenção desses partidos, vão surgir grandes jornais muito prósperos, providos de organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade. Em suma, dá-se o surgimento do jornal como grande empresa, fato este que caracterizava não só o centro do País, mas, também, as mais distantes províncias. Exemplo desta fato no Rio Grande do Sul é o surgimento do *Correio do Povo* em 1895.

Nelson Werneck Sodré afirma, à página 315, que: Essa transição (...) está naturalmente ligada às transformações do País, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação da imprensa é um aspecto desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias<sup>5</sup>.

Embora a análise que Sodré nos apresenta esteja mais ligada aos jornais do centro do País (Rio-São Paulo), são apreciações críticas como a acima referida que conferem a esta obra um caráter mais geral que pode ser aplicado à imprensa de todo o País. No Rio Grande do Sul, por exemplo, mesmo que fosse em menor escala, também ocorria a ascensão burguesa e com ela a conseqüente transformação da imprensa.

São ainda abordados nesta obra aspectos referentes à imprensa proletária, burguesa e política, todos eles marcados por um espírito crítico bastante desenvolvido e coerente com os objetivos a que o Autor se propôs na introdução deste trabalho, ou seja, um estudo da imprensa na relação que esta mantém com o momento histórico em que é produzida.

A bibliografia, rica e variada, também contribui para a qualidade da obra, na medida em que abre e indica caminhos àqueles que pretendam realizar estudos a respeito da imprensa brasileira.

Como se pode ver, o que caracteriza *História da Imprensa no Brasil* é a qualidade da informação e, sobretudo, a abordagem crítica que apresenta a respeito da evolução da imprensa brasileira o que, por si só, recomenda

a leitura desta obra por todos aqueles que tenham interesse em história e política brasileiras.

#### NOTAS,

(1) SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. p. 1

(2) *Idem*, p. 1.

(3) *Idem*, p. 121.

(4) *Idem*, p. 266;

(5) *Idem*, p. 315.

— Carlos Alexandre Baumgarten —